

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E PRIVADOS  
DE LIBERDADE

Valesca dos Santos Gomes

**O que eles querem?  
Representações de adolescentes sobre a EJA**

Porto Alegre  
Dezembro  
2011

## Resumo

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil percorreu uma longa trajetória, até assumir a configuração que conhecemos hoje. A partir dos anos 90, com o rebaixamento da idade mínima para o ingresso nesta modalidade o número de jovens nesta modalidade começou a crescer, iniciando o processo de juvenilização da EJA. Os adolescentes da EJA, agora numerosos, são os mesmos que carregam uma carga social negativa, ligados amplamente a inúmeros processos de exclusão, inclusive escolar (Nascimento, 2004) e pré-conceitos sobre seus perfis e demandas. Para desfazer alguns destes pré-conceitos é que concebi este trabalho, que tem por objetivo detectar as representações dos adolescentes da EJA (entre 15 e 18 anos) acerca desta modalidade de ensino, das características a eles atribuídas, dos motivos/razões para que os mesmos frequentem as aulas e se mantenham escolarizados. Para tanto, realizei um estudo de caso na escola em que atuo como professora. Utilizei questionários semiestruturados e entrevista em grupo com a técnica do grupo focal para caracterizar estes adolescentes e ouvir suas considerações. Evidencia-se que a escola é um espaço de formação para a cidadania, onde se observa a limitação advinda das dificuldades dos professores em lidar com a diversidade do grupo e do curto espaço de tempo destinado à formação e às trocas entre estes profissionais que poderia tornar a sistemática de trabalho mais coesa, plural, efetiva e afetiva.

Palavras-chave: juvenilização; representações; Educação de Jovens e Adultos.

## **Lista de Siglas**

EJA – Educação de Jovens e Adultos  
SME – Secretaria Municipal de Educação  
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
Justificativa .....	6
Contexto da pesquisa	
A rede municipal de Guaíba .....	9
A Escola .....	9
<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>11</b>
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>12</b>
Achados das entrevistas .....	15
Analisando as informações .....	17
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>21</b>
<b>ANEXOS</b>	
Questionário de sondagem .....	23

## INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil tem uma longa trajetória, passando pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o ensino supletivo, até assumir a configuração que conhecemos hoje.

Caracterizada por muitos como uma escola de exclusão, onde são atendidos os alunos “em situação de fracasso escolar” como diria Charlot (2000). Estes alunos, somente pelo fato de estarem cursando a EJA tendem a ser discriminados e menosprezados, inclusive pelos membros da equipe escolar.

Até o início dos anos 90 os alunos da agora EJA eram na sua totalidade adultos, alguns mais jovens, mas todos adultos. Mas com o rebaixamento da idade mínima para o ingresso nesta modalidade o número de jovens nesta modalidade começou a crescer (Nascimento,2004). Este fenômeno da juvenilização dos alunos da EJA tem mobilizado a atenção de diversos pesquisadores, preocupação esta que segundo Carrano (2007),

“... está, em grande medida, relacionada com a evidência empírica que eles e elas já constituem fenômeno estatístico significativo nas diversas classes de EJA e, em muitas circunstâncias, representam a maioria ou quase totalidade dos alunos em sala de aula.”

Além de adultos jovens, a população da EJA está repleta de adolescentes, que “(...)pararam há pouco tempo de estudar, são recém-egressos do ensino regular (diurno), e a maioria possui um histórico de várias repetências.” (Nascimento,2004)

Estes jovens, presentes na EJA, são os mesmos que, para nossa sociedade, são notícia “(...) quando, de alguma forma, se torna(m) problema ou então espetáculo.”(Dayrell, 1999) Estes mesmos encontram-se “(...) fora do contrato social, seu espaço não está definido na sociedade, sua fala é frequentemente interdita e, quando mencionados na mídia, sua imagem está, na maioria das vezes, ligada às drogas, à violência, às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez indesejada.” (Nascimento,2004)

Esta carga negativa social, que os jovens têm, corrobora para uma série de preconceitos destinados a este grupo. Coisa que se percebe no cotidiano escolar onde “Alguns professores (e também alunos mais idosos) parecem convencidos de que os jovens alunos da EJA vieram para perturbar e desestabilizar a ordem "supletiva" escolar.” (Carrano, 2007) Mas felizmente existem outros que “demonstram sua vontade em aprofundar processos de interação mas reconhecem seus limites para despertar o interesse desses (...)”(Carrano, 2007).

O presente trabalho tem por objetivo detectar as representações dos adolescentes da EJA (entre 15 e 18 anos) acerca da modalidade de ensino (EJA), das

características a eles atribuídas, dos motivos/razões para que os mesmos freqüentem as aulas e se mantenham escolarizados. Para assim conhecer melhor os (as) estudantes, compreendê-los e contribuir para desfazer uma série de pré-conceitos e pré-concepções, atendendo melhor este grupo.

### **Justificativa**

Acredito que a escola é uma das principais instituições sociais capazes de transformar a realidade das pessoas e da comunidade em que vivem, viabilizando o acesso ao conhecimento, que possibilita as condições necessárias para o aproveitamento de novas oportunidades, seja no mercado de trabalho ou para o próprio exercício da cidadania. Esta minha crença se reforça no fato de a educação ser um direito constitucional, pois como traz o artigo 205 da Constituição Federal brasileira

"A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho." (BRASIL, 2007)

ainda ter acesso à educação básica é crucial para que as pessoas tenham condições de exercer seus direitos e cumprir seus deveres como cidadãos, pois como Marchi & Schäffer (2000) relata:

"Sem as oito séries concluídas, podemos afirmar que cerca de metade da população brasileira é analfabeta funcional e está distante da fruição do lazer, dos bens culturais e, por suas limitações com relação à leitura, à escrita e ao cálculo terá participação também limitada nos debates públicos."

Por acreditar no "poder" da educação na vida das pessoas e na transformação das vidas das pessoas que escolhi o magistério por profissão. Por ocasião de facilidade na conciliação de horários fui agraciada com a possibilidade de atender à oito turmas da EJA no município de Guaíba (duas de cada módulo, em duas escolas diferentes).

Apesar de ser uma educadora principiante, não só no ofício de lecionar, mas também na experiência do trabalho com jovens e adultos, já de início me inquietei com a dificuldade de encontrar materiais adequados para trabalhar com estes grupos tão seletos. Procurei ler sobre a área, e me inteirar de possibilidades de estar me aperfeiçoando na área para, de alguma forma, agregar consistência à minha prática.

Quando iniciei minhas leituras percebi uma série de construções e desconstruções que deveria fazer acerca da Educação de Jovens e Adultos (EJA), deixar de pré-conceitos que trazia e que, de certa forma, analisar e questionar itens da prática diária de meus colegas educadores nesta modalidade. Questionamentos referentes ao tipo "desfavorecido" de público que frequenta a EJA, facilitação da

aprovação, condição de atividade/passividade social dos alunos, capacidade e desenvolvimento cognitivo.

Uma das primeiras desconstruções, que fiz foi deixar de pensar no público da EJA como um grupo de “pobres coitados” desfavorecidos e atrasados. Os educandos da EJA são educandos como quaisquer outros, diferem, claro, no fato de que têm mais idade e por isso mais vivência, o que faz com que também tenham algum conhecimento já adquirido, advindo desta vivência, do tempo em que puderam ser “espectadores e atores de suas vidas”. Seu “desfavorecimento” está no simples fato de, por algum motivo, não estarem cursando a série escolar na idade em que nossa sociedade considerada mais adequada. Pois como traz Pinto (2007) “o educador de adultos tem que admitir sempre que os indivíduos com os quais atua são homens normais e realmente *cidadãos* úteis” [grifo do autor].

Ainda se faz necessária a desconstrução de que as práticas na EJA podem ser algo adaptado, ou até copiado das ações desenvolvidas com a população infantil, tratando os jovens e adultos como se crianças fossem e infantilizando a prática educativa. Reforçada por Rummert e Fávero, 1999. Neste mesmo artigo os autores trazem uma colocação muito pertinente que fala de uma temática que um colega professor trouxe uma vez em uma de nossas reuniões pedagógicas na escola, a concepção de que lecionar na EJA é “uma ação de caráter voluntário, marcada por um cunho de doação, favor, missão e movida pela solidariedade (...)”. Estas duas representações desprofissionalizam o educador e a ação educativa da EJA e “distanciam a EJA de um estatuto próprio, que subsidie a formulação de propostas teórico-metodológicas compatíveis com as vivências e os saberes daqueles aos quais se destina.”

Percebi assim que o desafio da EJA era ainda maior. Durante minha formação de licenciada fui encorajada a não encarar os educandos como “tabulas rasas” ou “papéis em branco”, embora toda a mesma tenha sido articulada partindo deste pressuposto, acreditando que os educandos traziam pouco ou nenhum conhecimento prévio, mas quando se trata da EJA “.. se trata de instruir pessoas já dotadas de uma consciência formada ...”(PINTO, 2007,p. 86)

“É preciso sim, respeitar os saberes já construídos e, á partir daí, multiplicar a oferta de possibilidades educativas e culturais, contribuindo com a formação de pessoas autônomas, que promovam intercâmbios pacíficos e respeitem diferenças.” (MARCHI; SCHÄFFER, 2000, p.17)

Uma “dificuldade” que encontro é a de lidar com a heterogeneidade dos grupos.

“ ... é importante considerar, na ação educativa, a diversidade cultural dos trabalhadores, pois cada aluno adulto carrega um mundo de significados e significações, expressos na forma de andar, vestir, olhar, falar, nas maneiras

próprias de dizer suas verdades nas muitas linguagens, verbais e não-verbais, que transcendem aquelas conhecidas e priorizadas nas sociedades letradas.” (RUMMERT e FÁVERO, 1999, p.46)

Nesta heterogeneidade exercita-se tanto a intolerância dos adultos com os adolescentes, quanto a "implicância" dos adolescentes com os adultos. “A cultura dos jovens é própria, mal entendida ou pouco aceita pelos adultos.” (Macedo, 2009) A heterogeneidade dos grupos passa pela forte presença de adolescentes, dissidentes do ensino diurno, chamado “regular”.

Com o passar do tempo, passei a me sentir desconfortável com a presença e a conduta de alguns adolescentes em sala de aula. A maioria dos meus colegas educadores atribuem estes comportamentos ao fato de estes alunos serem jovens e portanto “não querem nada com nada”. Essa percepção é feita por Carrano, 2007, como já citado anteriormente: “Alguns professores (e também alunos mais idosos) parecem convencidos de que os jovens alunos da EJA vieram para perturbar e desestabilizar a ordem "supletiva" escolar.” De certa forma eu me recusava a acreditar nesta constatação, até que, em 2009, tivemos numa das escolas um aluno, adolescente, egresso do diurno, chamado Wagner, que foi um dos alunos mais inteligentes, dedicados e comprometidos que já tive nestes cinco (5) anos. Com suas respostas inteligentes e irreverentes, este aluno mexeu com minhas percepções e me colocou, fortemente, em conflito com o que escolhi ser meu objeto de estudo neste trabalho de conclusão de curso. Depois disso percebi que, como cita Carrano, 2007, faço parte do grupo de educadores que “demonstram sua vontade em aprofundar processos de interação (com os jovens) mas reconhecem seus limites para despertar o interesse desses ...”

Foi deste conflito pessoal, aliado ao comportamento deste aluno, que identifiquei o estranhamento e defini meu objeto de estudo: os adolescentes da EJA.

Para definir as questões que meu trabalho abordariam, passei a realizar leituras sobre jovens e adolescentes na escola e na EJA, e numa ocasião reli o livro “Jovens cada vez mais jovens na Educação de Jovens e Adultos, de Carmem Brunel do Nascimento, onde encontrei, em seu texto, três (3) questões propostas por Bernard Charlot, que utilizei como questões geradoras para pesquisa. São elas: Qual o sentido que a escola tem para o jovem? Como ele se mobiliza para ir até a escola? Como o aluno se vê dentro e fora da escola?

Acabou que, durante a execução da pesquisa algumas características se modificaram e apresento agora os resultados do trabalho que executei.

## **Contexto da pesquisa**

### **A rede municipal de Guaíba**

A Rede Municipal de Guaíba é constituída por dezesseis (16) escolas de Ensino Fundamental, sendo que cinco (5) delas oferecem a modalidade de ensino noturno com a Educação de Jovens e Adultos (EJA); e 6 escolas de Educação Infantil, totalizando vinte e uma (21) unidades.

Desde o início deste ano as séries finais da EJA se organizam em quatro (4) módulos semestrais, denominados módulo I, II, III e IV, e que correspondem respectivamente aos quatro (4) últimos anos do ensino fundamental, com projetos pedagógicos complementares (oficinas de informática, culinária, xadrez, reforço escolar, esportes e auxílio ao tema) no horário das 18h às 19h, e aulas dos componentes curriculares das 19h às 22h, sendo atividades com os alunos de segunda à quinta-feira e com um espaço para a formação dos professores nas noites de sexta. A rede municipal de Guaíba não oferece as séries iniciais do ensino fundamental na modalidade EJA.

A entrada é feita através de um exame de nivelamento, oferecido semestralmente onde o aluno será avaliado e classificado para ingressar na EJA, no módulo que melhor se adequar aos conhecimentos acumulados demonstrados por ele no teste.

A aprovação se dá por disciplinas, organizadas nos módulos, sendo assim possível que o aluno sempre progrida mesmo sem avançar para o próximo módulo (não se faz necessário que ele reveja os conteúdos em que já alcançou aprovação). Mas esta organização, da dispensa/liberação nas disciplinas aprovadas está ficando à cargo de cada unidade escolar, que se organiza para possibilitar que isso aconteça.

A Secretaria Municipal de Educação oferece seguidamente atividades de formação para os professores. Alguns serviços especializados, como por exemplo: psicologia, fonoaudiologia, orientação educacional e educação Especial, são oferecidos, mas a prioridade de atendimento são dos alunos do diurno, e mesmo para este grupo estão aquém das necessidades. Existe a possibilidade do atendimento aos alunos do noturno, desde que os mesmos se disponibilizem a ser atendidos durante o dia, junto com os alunos do diurno, mediante negociações com a gestora.

### **A Escola**

A escola estudada foi fundada em 1985 e localiza-se no bairro Bom Fim Novo, no município de Guaíba. Funcionou entre 1985 e 1988 como anexo de outra escola do mesmo bairro. Em março de 1989 foi emancipada. Teve a implantação do ensino

noturno no ano de 1992, o que ocorreu juntamente com a autorização para oferecimento das séries finais do ensino fundamental. A partir de então a escola oferece ensino fundamental completo no ensino diurno e EJA, trabalhando inclusive com o projeto de alfabetização de adultos (séries iniciais do ensino fundamental) em parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI). A mesma se localiza próxima a uma entidade religiosa de grande atuação comunitária. Esta entidade atua fortemente com a comunidade do entorno oferecendo formações, atividades esportivas, entre outros.

Trata-se de uma escola grande para os padrões do município com mais de 1000 alunos. Conta, em sua estrutura, com biblioteca, sala de vídeo, sala de informática, laboratório de ciências, serviço de reforço pedagógico (para alunos em dificuldades), refeitório e quadra poliesportiva.



Figura 1: Vista lateral do prédio principal da escola. O Prédio de dois pisos é principalmente administrativo (onde estão a secretaria, a supervisão, a orientação e a direção, e ainda a biblioteca, a sala de vídeo, o laboratório de informática e a sala dos professores). O prédio térreo que aparece cortado à direita sedia o laboratório de ciências, duas salas de aula e banheiros. O prédio térreo no centro ao fundo sedia o refeitório, a cozinha, banheiros e as demais salas de aula. (foto: Valesca Gomes)



Figura 2: Vista aérea da escola. O prédio no canto direito inferior é o prédio do laboratório de ciências e salas de aula. No canto superior direito a pracinha, no centro a quadra poliesportiva. (Foto: Site da SME-Guaíba)

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso na escola em que atuo como professora.

Para a coleta dos dados utilizei questionários semiestruturados (em anexo) para a construção dos perfis dos entrevistados e realizei uma entrevista coletiva. No questionário semiestruturado de sondagem existiam dezesseis (16) perguntas sobre o aluno (indivíduo) como nome, idade, sexo, raça/cor/etnia, condição de trabalho, trajetória escolar (idade de ingresso na escola, repetências, desistências), motivos para freqüentar a escola, motivos para faltar às aulas, circunstâncias facilitadoras e dificuldades para ir à escola. E questões sobre a interação deste indivíduo com a EJA, motivos porque veio para a modalidade, motivos para permanecer nela, o que gosta e o que não gosta na EJA. E ainda um espaço aberto para que falassem de sua trajetória escolar.

Durante as aulas convidei os alunos adolescentes entre 15 e 18 anos para participarem do meu TCC, expliquei a temática e o motivo pelo qual estava realizando tal trabalho. Algumas semanas depois entreguei a todos os alunos adolescentes que estivessem dispostos a responder o questionário semiestruturado de sondagem, para caracterizá-los. As informações obtidas nos questionários serviram de base para compor um perfil de cada um dos sete (7) estudantes participantes da entrevista.

Um mês após entregar os questionários, marquei a data das entrevistas, seguindo a técnica do grupo focal. A direção da escola pediu que eu não tirasse os alunos de todas as salas de uma vez, então chamei os alunos dos módulos I e IV, pois

eram as duas turmas em que havia o maior número de interessados em contribuir com o trabalho. Nesta noite estava muito frio e haviam poucos alunos na escola.

Segundo Morgan (1997) os grupos focais são uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. (Gondim, 2003)

De acordo com a técnica do grupo focal, realizei uma entrevista coletiva. Participaram da entrevista coletiva os alunos dos módulos I e IV, que voluntariamente se interessaram em contribuir, entre 15 e 18 anos. A entrevista foi gravada para poder posteriormente ser transcrita e então analisada.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nos questionários semi-estruturados coletei informações pessoais específicas de cada entrevistado, sete dos oito entrevistados entregaram as respostas dos questionários semi-estruturados, que resultaram nos perfis que se seguem. Os nomes dos alunos foram trocados a fim de preservar suas identidades.

### **Perfil: Aluna Susana**

Esta aluna tem dezesseis (16) anos e identifica-se como tendo cor preta. Cursa o módulo IV. Ela não trabalha e ingressou na escola aos sete (7) anos. Repetiu três (3) vezes de ano, na segunda, quinta e sexta série. Nunca saiu da escola. Ela frequenta a escola para aprender e se sente incentivada pela atuação dos pais e amigos. Sente dificuldades nos dias frios, e só costuma faltar aulas quando tem gripes ou sente dores de cabeça. Acredita que na EJA é melhor para se aprender e permanece na EJA porque pretende concluir o ensino fundamental. Gosta dos professores e dos amigos que fez na EJA, mas não gosta dos colegas que vem para atrapalhar as aulas. Pensa que, na EJA, existem adolescentes realmente interessados em estudar.

### **Perfil: Aluno Jeferson**

Este aluno tem quinze (15) anos e identifica-se como tendo cor branca. Cursa o módulo I. Ele trabalha em uma hotelaria para cavalos e não sabe precisar se ingressou na escola aos seis (6) ou sete (7) anos. Repetiu três (3) vezes de ano, uma vez na primeira e duas (2) vezes na quinta série. Parou de estudar uma vez porque se cansou de estudar. Ele frequenta a escola para ter estudo e mais tarde pegar um serviço bom. Sente-se motivado para estudar por si mesmo. Algumas vezes sente dificuldades por causa do trabalho, e só costuma faltar aulas quando tem preguiça ou por causa do trabalho. Veio estudar na EJA porque na EJA os estudos terminam mais

rápido e por causa do trabalho e permanece na EJA por causa do trabalho. Na EJA ele gosta dos amigos e da curta duração das aulas, mas não gosta do recreio que considera curto. Pensa que, na EJA, existem os adolescentes “que não querem nada com nada” e os que realmente estão interessados em estudar.

Sobre sua trajetória escolar, disse que: “Eu gosto muito das aulas, da escola e dos professores, principalmente do de matemática.”

#### Perfil: **Aluno Jonata**

Este aluno tem dezesseis (16) anos e identifica-se como tendo cor branca. Cursa o módulo IV. Ele trabalha em uma rádio comunitária e ingressou na escola aos seis (6) anos. Repetiu duas (2) vezes de ano, na sexta e na oitava série. Nunca parou de estudar. Ele frequenta a escola para estudar. Sente-se motivado para estudar por si mesmo e diz que nada dificulta sua ida à escola, e só costuma faltar aulas quando está doente. Veio estudar na EJA por causa do trabalho e permanece na EJA porque quer estudar e por causa do trabalho. Na EJA ele gosta dos colegas, dos professores e da merenda, mas não gosta de copiar textos. Pensa que muitos adolescentes estão na EJA por necessidade.

Sobre sua trajetória escolar, disse que: “Fui feliz durante o jardim até a quinta-série depois paguei meus pecados.”

#### Perfil: **Aluno Mauro**

Este aluno tem quinze (15) anos e identifica-se como tendo cor branca. Cursa o módulo I. Ele trabalha em obras e ingressou na escola aos seis (6) anos. Repetiu três (3) vezes de ano, duas (2) vezes na primeira e uma vez na segunda série. Parou de estudar uma vez, por dois anos, porque queria trabalhar. Ele frequenta a escola porque quer se formar. Ele é quem escolhe se quer ou não ir à escola. O trabalho dificulta sua ida à escola, e por causa dele é difícil chegar no horário, e só costuma faltar as aulas por causa do trabalho. Veio estudar na EJA porque na EJA os estudos terminam mais rápido e permanece na EJA porque quer passar de ano. Na EJA ele gosta dos colegas, dos professores e das aulas, mas não gosta das atividades difíceis. Pensa que os adolescentes estão na EJA porque trabalham duro.

Sobre sua trajetória escolar, disse que: “É a mesma coisa de sempre: entra, passa e se forma. Para muitos isso é fácil, mas para mim isso é difícil.” Chamou-me a atenção da forma como o aluno escreveu tal frase e transcrevo-a aqui, literalmente: “E a mesma coisa de sempre entra pasa e se forma para muitos iso e fasio mas pramim iso e difi cel”.

**Perfil: Aluna Daiana**

Esta aluna tem quinze (15) anos e identifica-se como tendo cor branca. Cursa o módulo IV. Ela não trabalha e ingressou na escola aos seis (6) anos. Repetiu uma vez de ano, na oitava série. Nunca saiu da escola. Ela frequenta esta escola porque não deu certo com a professora da outra escola. Sente-se motivada para estudar por si mesmo e pela vontade de aprender mais. Nada dificulta sua vinda à escola, e só costuma faltar aulas em casos de doenças (dela ou de familiares). Veio estudar na EJA porque quer poder fazer um estágio antes de acabar o ano e se profissionalizar e permanece na EJA porque gostou do modo com que os professores ensinam os alunos. Gosta do horário e das pessoas que estudam na EJA, pois são pessoas mais velhas que querem estudar, mas não gosta do fato de a música ter sido tirada dos recreios da EJA, como tinha antigamente. Pensa que, na EJA, existem adolescentes que já trabalham e por isso têm de estudar nesta modalidade.

**Perfil: Aluno Cleiton**

Este aluno tem quinze (15) anos e identifica-se como tendo cor branca. Cursa o módulo IV. Ele trabalha na construção civil e ingressou na escola aos sete (7) anos. Repetiu duas (2) vezes de ano, na sétima e na oitava série. Parou de estudar uma vez por causa do trabalho. Ele frequenta a escola para concluir os estudos e tentar ter um futuro melhor. Frequenta às aulas por vontade própria e não tem dificuldades para vir à escola, e só costuma faltar às aulas por “sem-vergonhice”. Veio estudar na EJA por causa da idade, e permanece na EJA por causa da namorada. Na EJA ele gosta do horário, mas não gosta do fato de as pessoas completarem quinze (15) anos e passarem para o turno da noite. Pensa que os adolescentes que estão na EJA querem mais tempo durante o dia, para brincar.

**Perfil: Aluna Elisa**

Esta aluna tem dezoito (18) anos e identifica-se como tendo cor preta. Cursa o módulo IV. Ela trabalha em um mercado e ingressou na escola aos seis (6) anos. Repetiu duas vezes de ano, na segunda e sétima série. Parou de estudar uma vez, na sexta série porque casou-se. Ela frequenta a escola porque acha necessário estudar para ter um bom trabalho. Sente-se motivada para estudar pelos pais. Nada dificulta sua vinda à escola, e só costuma faltar aulas em casos de doenças ou festas importantes. Veio estudar na EJA porque é mais rápido para se formar e permanece na EJA porque ficou melhor de organizar seu tempo. Na EJA ela gosta da tranquilidade nas aulas e da rapidez para a conclusão, e não identifica nada que não

goste. Acredita que, na EJA, os adolescentes não querem “nada com nada” e se estão na EJA é porque não se comportavam bem de dia.

### **Achados das entrevistas**

Nas repostas dos adolescentes fica evidente a necessidade da escola para a formação profissional. Três (3) dos sete (7) questionários reportaram a necessidade da escolaridade para a aquisição de empregos melhores, e disseram estar estudando por causa da vida profissional. Isso se evidencia também na fala da aluna Elisa que disse: “Quem tem estudo, quem está estudando tem várias oportunidades.” Referindo-se às oportunidades de empregos e para estágios, durante a entrevista.

Quando perguntados “Qual o sentido que a escola tem para o jovem?”, eles trouxeram de novo a importância social da escola, já antes observada nos questionários, onde cinco (5) questionários revelaram que os alunos gostam mais na EJA dos colegas e dos professores. Tese reforçada pela fala do aluno Cleiton, que enquanto o grupo respondia ao questionamento sobre a função da escola disse: “Ajuda a conviver com pessoas diferentes, entender o lado do outro, respeitar mais.”

Ainda a escola como espaço social permite que a comunidade interaja e se conheça, como evidenciado na fala da aluna Elisa: “Na EJA tem vários gatinhos.” Caracterizando a escola como espaço de encontro onde “O pátio, os corredores, a sala de aula materializam a convivência rotineira de pessoas.” (Dayrell, 1996 p.148)

Durante a entrevista os alunos reportaram as diferenças da escola diurna para a EJA, e nesta parte destacou-se também o aspecto social, no tratamento dos professores com os alunos. Eles queixaram-se de que, qualquer desconformidade no período diurno é motivo para que a escola encaminhe um bilhete para a ciência da família, e que na EJA primeiro se conversa com o aluno. Ainda falaram da surpresa com a disponibilidade dos professores, em especial o de matemática, para explicar e re-explicar a matéria quando solicitado, o que o aluno Mauro sintetizou em sua fala “De noite os professores tem mais paciência e respeito.” Segundo eles, no diurno os professores não têm paciência e constantemente se sentem afrontados quando são interpelados pela não-compreensão dos conteúdos por parte dos alunos. O que nos leva a pensar no “mal-estar docente”<sup>1</sup> que, segundo La Taille pode ser gerado pelo fato de que “os alunos esperam muito da escola, e esta não consegue corresponder a tais expectativas”, criando assim uma tensão entre alunos e professores.

---

<sup>1</sup> O “mal-estar docente” foi brevemente abordado e não será desenvolvido com mais detalhes por não fazer parte do enfoque deste trabalho.

A idade da maioria dos alunos no diurno também é fonte de conflitos, o comportamento dos alunos mais jovens incomoda os adolescentes, como explicita Elisa quando diz: “Só que o problema são as crianças também do dia né, porque ó, brincando lá, tu não tem nem noção, tu fica olhando lá, brincando de pega-pega, esconde-esconde. Daí tu fica sem ação, tu pede para vir para a noite. É o que acontece. Só criança, só criança. Jogando papelzinho, aviãozinho.” Com isso os adolescentes, sentem-se deslocados e como a aluna disse, pedem para ir estudar à noite, na EJA. Esta mesma heterogeneidade se observa na EJA, onde são estes adolescentes que atiram papezinhos e aviõzinhos, e onde observamos esta mesma dificuldade que os entrevistados apontaram com relação ao diurno, já que como traz Dayrell, (1996 p.144) “Concretamente, as questões e interrogações postas por um adolescente serão muito diferentes das de um jovem de 18 anos e, mais ainda de um adulto de 30 anos.” Como devem ser diferentes também dos alunos de 12 anos.

O formato como a EJA se apresenta, com progressões semestrais e aulas curtas (com três horas de duração diária) também foi apontada pelos adolescentes como fatores positivos da modalidade. Três (3) dos sete (7) questionários apontaram o horário como importante e positivo. O horário, assim como encurta a jornada diária escolar, diminui por conseguinte o tempo necessário para a conclusão dos estudos. O tempo foi citado como aspecto negativo somente em um questionário que revelou ser curto o recreio, que é um espaço social importante como citado anteriormente e que, segundo Dayrell, (1996 p.149) “É o momento da fruição da afetividade, quando os alunos ficam mais soltos, conversam, discutem, paqueram.”

Respondendo à pergunta: como você se mobiliza para ir até a escola? Os alunos responderam que costumam preservar o horário das aulas, evitando outras atividades que atrapalhem, e o trabalho as doenças foram apontadas como as causas para que faltem às aulas.

Quando perguntados sobre como eles se vêem dentro e fora da escola os alunos reportaram que estar na escola coloca-os em uma posição de valorização social, como falou o aluno Jeferson: “O cara parece que é vagabundo (se não está na escola), que não quer nada com a vida. Aí quando tu fala da escola. Bah, estou estudando. Aí perguntam: ah cara tu está estudando? Tá bem!”

Com relação a interpretação estigmatizada do grupo, onde alguns educadores e alunos mais velhos consideram que os adolescentes da EJA não querem nada com nada, os alunos entrevistados reportaram que existem sim colegas adolescentes na EJA que não estão interessados em estudar, mas que isso não representa sua totalidade. O aluno Cleiton trouxe que na EJA “as coisas são mais liberadas.” Pois, por exemplo, é permitido fumar no pátio durante o recreio, e isso não ocorre no diurno. E

talvez pela maior autonomia e tranqüilidade que aparentemente estes alunos tem na EJA, por não existir abertamente uma pressão que os obrigue a participar das atividades, é que eles tenham a possibilidade de assumir o real interesse ou não em estar se dedicando à vida escolar.

Estar incluído na escola é também, para estes adolescentes uma forma de combater os preconceitos a que estão expostos. Estar freqüentando às aulas coloca-os numa posição de conforto, que lhes confere maior credibilidade e algum apreço dos demais membros do contexto social em que estão inseridos. Esta confiabilidade que estar na escola gera, afasta-os, mesmo que momentaneamente, do estigma de “só darem incomodação”, de “não quererem nada com a vida”, de “só fazerem ‘merda’”. Talvez, este ganho com a condição de escolarizado explique a dualidade desta relação, pois é importante frisar que, apesar das dificuldades na trajetória escolar, a grande maioria dos entrevistados falou, da escola com afeto. O que fica evidenciado nas falas da aluna Susana: “Já rodei alguns anos, briguei com alguns professores. Vim para a EJA faz dois anos com esse e estou gostando. Espero terminar!”; e da aluna Daiana: “Foi muito bom, tirando o ano passado que eu não me dava bem com alguns professores da minha antiga escola.” Isto me remete ao fato de que, para estes alunos, a escola é ainda um espaço crucial de formação pessoal. E apesar deste espaço ser para eles fonte de grande frustração, pelas repetências e desistências, eles ainda assim têm afeto por ele.

### **Analisando as informações**

Ouvindo os relatos nas entrevistas e analisando as respostas dos questionários fica evidente a valorização do afetivo pelos adolescentes estudantes da EJA. Que se destaca fortemente com relação aos demais aspectos da modalidade salientados.

Pensando nisso lembro Dayrell (1992 p.2 apud Dayrell, 1996 p.142) que diz que “são as relações sociais que verdadeiramente educam...” Estando esta função delegada às relações sociais, que tipo de saber é aprendido na escola de jovens e adultos?

“O saber é uma relação, um produto e um resultado, relação do sujeito que conhece com seu mundo, resultado dessa interação.” (Charlot, 2000) Esse saber, sendo uma relação, justifica porque “o aluno, em qualquer modalidade de ensino, nem sempre vai à aula somente para cumprir uma obrigação ou à procura de um diploma” (Nascimento, 2004 p.33). O saber, para estes alunos entrevistados, está ligado à construção social, à formação cidadã que a escola proporciona. Pois na escola se aprende coisas que a família sozinha não tem condições de proporcionar, já que a

escola é um espaço dinâmico, onde famílias e culturas diferentes se mesclam e se diferenciam em suas igualdades e diferenças. E justamente

“o cotidiano na sala de aula reflete uma experiência de convivência com a diferença. Independente dos conteúdos ministrados, da postura metodológica dos professores, é um espaço potencial de debate de idéias, confronto de valores e visões de mundo, que interfere no processo de formação e educação dos alunos.” (Dayrell, 1996 p.150)

“Com isso, afirmamos que todos os alunos têm, de uma forma ou de outra, uma razão para estar na escola e elaboram isto de uma forma mais ampla ou mais restrita, no contexto de um plano de futuro.” (Dayrell, 1996 p.144)

Exatamente porque, como traz Dayrell (1996 p.144) “a escola é polissêmica, ou seja, tem uma multiplicidade de sentidos.” E a presença deste aluno em sala não quer dizer que o mesmo tenha vontade/necessidade de adquirir saberes escolares. Esse aluno que “não quer nada com nada” quer sim alguma coisa, afinal de contas, se o mesmo não estivesse interessado na escola não haveria porque manter-se escolarizado. Até porque

“Nem sempre os problemas e as necessidades que a escola propõem a eles (os jovens) coincide com os seus. Se fora dela sentem-se habilidosos e interessados em aprender, na sala de aula só lhes resta a apatia, a violência, a falta de sentido de estar ali e dos conteúdos que ali se ensinam. Os jovens não suportam mais ou não entendem que na escola aprender é tarefa longa e disciplinada, na qual a mediação de professores e recursos de ensino é fundamental. (Merieu, 2005 apud Macedo, 2009)

Surpreenderam-me os relatos sobre as diferenças entre a escola diurna e a noturna. Acredito que além da relação afetiva estabelecida de uma forma diferenciada com os professores, já que os alunos estão mais maduros e têm já vivências escolares para a comparação, na EJA, como temos um número menor de alunos em sala, acabamos tendo a possibilidade de atender com mais tempo e dedicação a cada um dos alunos que apresentarem dificuldades, e até conversar mais, ouvindo-os.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do reconhecimento de quem são os jovens com os quais eu atuo, através das falas deles durante as discussões e do meu olhar centrado para a realização desta pesquisa, pude perceber a valorização dos aspectos afetivos pelos adolescentes estudantes da EJA. Que se destaca fortemente em relação aos demais aspectos da modalidade salientados, como por exemplo: a necessidade da escola para a formação profissional; a diplomação rápida; o curto tempo para a formação dos estudos e, também da valorização social por estar estudando.

Existe um ganho social, direto e real, que faz com que estes alunos continuem amando e se dedicando à escola, apesar da mesma ser uma fonte de grandes frustrações para muitos deles, devido aos históricos de repetências e desistências. A diversidade de idades (conflito geracional) é citada por eles como fonte de conflitos, e

identifico que seja mesmo, conflitos entre os alunos e dos professores com os alunos. Não sei precisar se a fonte destes conflitos é sempre a diferença de idade, mas esta heterogeneidade é observada e considerada por mim e muitos dos educadores que conheço. Na maioria dos casos

“A diversidade real dos alunos é reduzida a diferenças apreendidas na ótica da cognição (bom ou mal aluno, esforçado ou preguiçoso, etc) ou na do comportamento (bom ou mau aluno, obediente ou rebelde, disciplinado ou indisciplinado, etc).” (Dayrell, 1996 p.139)

Considerar somente este quesito, quando se fala em diversidade não contempla a real diversidade do universo de alunos que a EJA atende. É preciso lembrar que

“... os alunos já chegam à escola com um acúmulo de experiências vivenciadas em múltiplos espaços, através das quais podem elaborar uma cultura própria, uns “óculos” pelo qual vêem, sentem e atribuem sentido e significado ao mundo, à realidade onde se inserem.” (Dayrell, 1996 p.141)

“Dessa forma, esses jovens que chegam à escola são resultado de um processo educativo amplo, que ocorre no cotidiano das relações sociais, quando os sujeitos fazem-se uns aos outros, com os elementos culturais a que tem acesso, num diálogo constante com os elementos e com as estruturas sociais onde se inserem e as suas contradições.” (Dayrell, 1996 p.142)

Fica claro para mim que a função da escola para este seletivo grupo vai além do preconizado pela sociedade em geral. A relação com o estudo e o saber deste público é única. E as relações que estes estabelecem com o aprendizado em sala de aula (ensinado pelo professor ou vivenciado com os colegas) são de fundamental importância para caracterizar esta parcela da comunidade escolar a que estamos nos referindo. Sabendo disso é importante considerar que

“Não há sujeito de saber e não há saber senão em uma certa relação com o mundo, que vem a ser, ao mesmo tempo e por isso mesmo, uma relação com o saber. Essa relação com o mundo é também relação consigo mesmo e relação com os outros. Implica numa forma de atividade e, acrescentarei, uma relação com a linguagem e uma relação com o tempo.” (Charlot, 2000)

Compreender esta relação do saber com o afetivo na EJA é de suma importância para que consigamos compreender este adolescente que estuda na EJA. Reconhecendo como este grupo se relaciona com o saber e identificando a real função do afetivo nesta relação, tornar-se-ia mais fácil a compreensão deste adolescente

“... na sua diferença enquanto indivíduo, que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhes são próprios.” (Dayrell, 1996 p.140)

Esta relação do saber com o afetivo confere a estes adolescentes, além de todas as funções que eles reconhecem na escola, a capacidade de se reconhecerem

como cidadãos, de conviverem e suplantarem os preconceitos e pré-concepções negativas atribuídas a este grupo a que pertencem. Manter-se escolarizado poderia até se configurar como uma forma de resistência, de protesto “silencioso” contra todas estas características negativas que nossa sociedade associa-lhes. Falta agora que nós, profissionais de educação atuantes na EJA sejamos capazes de reconhecer o quão afetivo nossa atuação é ou deveria ser, pois

“Reconhecer a dimensão humana da docência é admitir a presença e a força dos afetos na determinação da identidade do professor e na sua atuação profissional.”  
(Fortuna, 2007)

até porque já nos é familiar a questão do vínculo afetivo para aprendizagem, que explica o sucesso na interação de diferentes professores com diferentes alunos, e que explica também o êxito de alguns em sensibilizar o alunado adolescente e o fracasso de outros. Este vínculo afetivo, aluno-professor, professor-aluno é um dos eixos centrais do processo de ensino-aprendizagem, pois sabemos que, diferentemente de outras profissões onde o vínculo afetivo não norteia nem permeia a efetividade de suas intervenções,

“No caso do professor, porém, a relação afetiva é parte obrigatória do próprio exercício do trabalho, pois é mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo de ensino-aprendizagem.” (Fortuna, 2007)

Temos de considerar o fato de que “Os professores de jovens, em geral, têm poucas oportunidades de formação ou tempo de reflexão para dar conta de tantas exigências” (Macedo, 2009).

Reconhecer a diversidade dos alunos e as implicações da presença do afeto na ação docente são pilares fundamentais para garantir que este público esteja bem atendido, nas suas igualdades e diferenças.

Conhecer as demandas e as necessidades destes adolescentes, quando inseridos na comunidade, é crucial para que tenhamos sucesso nas abordagens deste grupo. Montar um plano para atender a cada um deles, nas condições em que trabalhamos, seria realmente difícil, mas fazendo um estudo, anual ou bianual, levantando temáticas de interesse para serem desenvolvidas na escola, afim de atender aos anseios desta parcela já tão numerosa na EJA provavelmente geraria bons frutos.

Fazer um esforço e um exercício neste sentido seria produtivo na questão de atingir, com mais propriedade a esta parcela esquecida da clientela da EJA, já que

“Cabe a nós, professores, fazermos com que este aluno (jovem) se mostre por inteiro, não só nos seus conhecimentos cognitivos, mas que compartilhe seus saberes e vivências diárias mantendo uma relação de respeito, e a partir das diferenças, dos problemas e dos conhecimentos próprios.” (Nascimento, 2004 p.45)

Até porque, de todas respostas que li e das falas que ouvi, pude dirimir que assim como diz Malinowski (apud Dayrell, 1996 p.146) “para compreender o outro é necessário conhecê-lo”.

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 56 de 20 de dezembro de 2007.

CARVALHO, R. V. A Juvenilização da EJA: Quais Práticas Pedagógicas? Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/posteres/GT18-5569--Int.pdf>>. Acesso online em Setembro de 2011.

CARRANO, P. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos, v. 1, n. 0, p. 55-67, ago.2007. NEJA-FaE-UFMG. Belo Horizonte. Agosto de 2007. Disponível em: [http://www.reveja.com.br/sites/default/files/REVEJ@\\_0\\_completa\\_0.pdf](http://www.reveja.com.br/sites/default/files/REVEJ@_0_completa_0.pdf), Acesso online em 13/11/2011.

CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas. 2000

\_\_\_\_\_(Org.) Os jovens e o saber: perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001

DAYRELL, J. T. A escola como Espaço sócio-cultural. In: Dayrell, J. T. (org) Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

\_\_\_\_\_. Juventude, grupos de estilo e identidade. In: Educação em revista (Belo Horizonte). Belo Horizonte no. 30 (dez. 1999), p. 25-37

Descrição das escolas de Ensino Fundamental no site da Prefeitura Municipal de Guaíba. Disponível em: [http://www.guaiba.rs.gov.br/Sec\\_Educacao/ensino\\_fundamental.html](http://www.guaiba.rs.gov.br/Sec_Educacao/ensino_fundamental.html), acesso online em 15/11/2011 e <http://www.guaiba.rs.gov.br/educacao/teotonio.html>, acesso online 10/12/2011.

FÁVERO, O.& RUMMERT, S. M. Formação de profissionais para a educação de jovens e adultos trabalhadores. In: Educação em revista (Belo Horizonte). Belo Horizonte N. 30 (dez. 1999), p. 39-50

GONDIM, S.M.G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. Paidéia, 2003, 12(24), 149-161

LA TAILLE, Y. Escola e professores sob o olhar do aluno. In: Pátio. Ano X, no. 40, (Nov 2006/ Jan 2007), p. 48-50

MACEDO, L. Competência na escola de jovens. Pátio: Ensino Médio. Porto Alegre, ano I, no. 1, abril-julho, 2009. p. 8-11

MARCHI, D. M. & SCHAFFER, N. O. (Org.). Educação de jovens e adultos: propostas para ações. Porto Alegre: Núcleo de Integração Universidade & Escola, UFRGS, 2000.

NASCIMENTO, C. T. B. Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos. Porto Alegre: Mediação, 2004.

PINTO, A. V. Sete lições sobre a educação de adultos. 15. ed. Porto Alegre: Cortez, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade  
Trabalho de conclusão de curso - Valesca dos Santos Gomes

**Questionário:**

- 1) Nome: \_\_\_\_\_  
2) Idade: \_\_\_\_\_ Sexo:  M  F Raça/Cor/Etnia:  branco  preto  pardo  amarelo  indígena  
3) Você trabalha?  Sim  Não. Sem sim, com que? \_\_\_\_\_  
4) Com que idade entrou na escola? \_\_\_\_\_  
5) Já repetiu de ano?  Sim  Não. Se sim, quantas vezes e em que séries?

6) Já desistiu da escola alguma vez?  Sim  Não. Se sim, quantas vezes e por quê? \_\_\_\_\_

7) Por qual motivo frequenta a escola? \_\_\_\_\_

8) O que facilita sua ida à escola? (pessoas e circunstâncias que incentivam) \_\_\_\_\_

9) O que dificulta sua ida à escola? (pessoas e circunstâncias que atrapalham) \_\_\_\_\_

10) Por que veio para a EJA? \_\_\_\_\_

11) Quais os motivos para permanecer na EJA? \_\_\_\_\_

12) O que gosta na EJA? \_\_\_\_\_

13) O que não gosta na EJA? \_\_\_\_\_

14) Quais são as coisas que fazem com que você falte às aulas? \_\_\_\_\_

Você concorda com as pessoas que dizem que “os adolescentes da EJA não querem nada com nada”? Por quê? \_\_\_\_\_

Espaço aberto: Fique à vontade para falar de sua trajetória escolar. \_\_\_\_\_